



GABINETE DO PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

SESSÃO SOLENE DAS COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL DE 2012

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal
Ex.mos Srs. Deputados Municipais
Ex.mos Membros do Executivo Municipal
Digníssimas Entidades
Representantes da Comunicação Social
Caras amigas e amigos

Hoje começo esta minha intervenção com uma nota de tristeza e pesar. Com a morte de Miguel Portas, a democracia ficou mais pobre. E, de algum modo, Abril também. Fica a imagem de um homem convicto na liberdade, um lutador pela causa democrática, afinal e por isso mesmo, um homem de Abril. E nós precisamos de homens e mulheres como ele, com o seu vigor e coragem.

Celebrar o dia da liberdade foi-se tornando aos poucos uma espécie de ritual onde, à pala da festa, se foram esquecendo os significados, que alguns nem sequer tiveram oportunidade de conhecer. E hoje serão porventura poucos os que fazem deste dia um momento simbólico de luta pela democracia e pela liberdade. Permitam-me por isso uma saudação a todos quantos, contra marés e ventos, fazem questão de estar aqui, nesta cerimónia que pouco mais conta que a necessidade imperativa que alguns de nós continuamos a sentir de celebrar Abril. E numa altura em que os ventos de uma certa modernidade pretendem varrer a democracia para debaixo do tapete de crises anunciadas e sem culpados, é urgente reinventar esse dia mágico de há 38 anos atrás, quando as espingardas pariram cravos e as bocas se abriram para cantar as canções do Zeca. Lembram-se? Nesses dias de revolução tranquila, cheirava a liberdade e a futuro e o Zé Mário Branco chegava de longe com uma canção de esperança:

Tinha esta viola numa mão
uma flor vermelha n'outra mão
tinha um grande amor
marcado pela dor
e quando a fronteira me abraçou
foi esta bagagem que encontrou
E então olhei à minha volta
vi tanta esperança andar à solta
que não hesitei
e os hinos que cantei
foram feitos do meu coração
feitos de alegria e de paixão

Foram de facto de alegria e paixão esses dias. Com gente nas ruas, com mais esperanças que revoltas, com milhares de punhos no ar a gritar que o povo unido jamais seria vencido. Isso mesmo: o povo unido, jamais será vencido, era o slogan repetido à exaustão, como que se de um presságio se tratasse, como se se adivinhasse que, algures no futuro, esse mesmo povo se viria a ver outra vez vergado à sua pequenez, reduzido à insignificância de números que apenas servem a estatística e não as pessoas. A paz, o pão, saúde, educação foram sonhos que, pouco a pouco, vão ficando pelo caminho ...

Ainda se lembram de Vitor Jara? Alguém sabe de cor os poemas de Rafael Alberti? Ainda recordam aquelas praças cheias de gente a ouvir baladas de esperança do Fanhais e a vibrar com os poemas do Ary? Nesses dias de Abril de 74 falava-se de sonho e de distância, evocava-se o romantismo de Che Guevara, repudiava-se o fim inglório de Allende à mão dos esbirros de Pinochet. Um homem que prometia um litro de leite para cada criança chilena não podia morrer, porque com ele morria a democracia. Mas choveu em Santiago e Allende morreu, corria o dia 11 de Setembro de 1973:

*Trabalhadores da minha pátria, tenho fé no Chile e no seu destino.
Outros homens superarão este momento cinzento e amargo em
que a traição pretende impor-se. Sigam vocês sabendo que,
muito mais cedo que tarde, de novo se abrirão as grandes
avenidas por onde passará o homem livre, para construir uma
sociedade melhor.*

Viva Chile! Viva o povo! Vivam os trabalhadores!

E quando meses depois a festa saiu à rua, quando a gesta de Capitães como Salgueiro Maia, Vasco Lourenço, Otelio Saraiva de Carvalho, Marques Junior e tantos outros nos mostrou o caminho do futuro, era também Allende que viajava connosco nas canções de luta, anos a fio proibidas e agora entoadas livremente nas ruas, nos campos, nas cidades, nos bairros e nas fábricas. Com ele cantámos o homem livre, o país livre que despontava, o país de Abril:

País de Abril é o sítio do poema.
Não fica nos terraços da saudade
não fica nas longas terras. Fica exatamente aqui
tão perto que parece longe.

País de Abril é muito mais que pura geografia
é muito mais que estradas pontes monumentos
viaja-se por dentro e tem caminhos veias
- os carris infinitos dos comboios da vida.

Não procurem na História que não vem na História.
País de Abril fica no sol interior das uvas
fica à distância de um só gesto os ventos dizem
que basta apenas estender a mão.

3

Abril trouxe-nos também a responsabilidade de defender a liberdade. As portas que Abril Abril, nunca mais ninguém as cerra. E nunca como hoje fez tanto sentido evocar Abril, e a liberdade que nos trouxe. Vivemos um tempo em que cada vez vemos mais longe aquilo que nos prometeram. Longe vão os tempos de festa da liberdade e da democracia, hoje vagamente evocados em eventos de circunstância, quase sempre alinhavados por razões de conveniência. Como se de repente nos quisessem branquear a história, negar as evidências do povo triste que éramos, do país cinzento que fomos durante décadas. Às vezes até parece que nos querem vender gato por lebre e que afinal, figuras sinistras como Salazar ou os seus acólitos da PIDE, Silva Pais ou Rosa Casaco, até talvez não fossem más pessoas. É por isso que temos que preservar a memória, não para vingar o que quer que seja, que o futuro não se constrói de vinganças, mas para não deixarmos que se pinte com cores coloridas um passado que era, de facto, cinzento e triste. Recuso todos os que pretendem reinventar a história, mascarar a falta de opções, a falta de futuro

com o cenário idílico que nos impingiam nos livros de leitura e nos manuais de história. Lembram-se? Nós éramos o país cantado pelo poeta Carlos de Oliveira:

Trago notícias da fome
que corre nos campos tristes:
soltou-se a fúria do vento
e tu, miséria, persistes.
Tristes notícias vos dou:
caíram espigas da haste,
foi-se o galope do vento
e tu, miséria, ficaste.
Foi-se a noite, foi-se o dia,
fugiu a cor às estrelas:
e, estrela nos campos tristes,
só tu, miséria, nos velas.

Éramos o país da pobreza elegida a virtude, elogiada pelos políticos do regime como bem-aventurança. Ser pobre era uma espécie de dom divino que só podia ser objeto de gratidão. E de quando em vez, o próprio Salazar ou um dos seus mais diletos seguidores, Henrique Tenreiro, saíam a terreiro para beijar umas chusmas de criancinhas, de cara lavada e alinhadas a preceito nas suas vestes domingueiras, premiando as famílias numerosas que pouco mais tinham de futuro que a obrigação de sobreviver. Foram estas crianças dos muitos bairros negros que se espalhavam por aí, que zeca afonso cantou no longínquo ano de 1963, num disco que viria a ser imediatamente proibido por uma censura que não dava descanso ao famigerado lápis azul. Mas mesmo que em sussurro, toda a gente cantava por aí a balada do Zeca:

Olha o sol que vai nascendo
Anda ver o mar
Os meninos vão correndo
Ver o sol chegar

Menino sem condição
Irmão de todos os nus
Tira os olhos do chão
Vem ver a luz

Menino do mal trajar
Um novo dia lá vem

Só quem souber cantar
Vira também

Negro bairro negro
Bairro negro
Onde não há pão
Não há sossego

Se não é fúria a razão
Se toda a gente quiser
Um dia hás-de aprender
Haja o que houver

Menino pobre o teu lar
Queira ou não queira o papão
Há de um dia cantar
Esta canção

Hoje também se fala de emigração, como proposta alternativa a uma pátria sem soluções e sem esperança. Mas não podemos esquecer que há umas dezenas de anos, sair do país era mesmo uma questão de desespero ou de protesto. Vale a pena também falar do exílio e da emigração. Éramos um país que expulsava os seus filhos, à míngua de pão ou de liberdade. Uns partiam com a saudade na alma, outros com a revolta no coração. Em França cresciam os bidonville, alimentados pelos portugueses da mala de cartão cantada pela Linda de Susa. De liberdade sabiam pouco. Mas conheciam a fome e a opressão, sabiam que pouco mais lhes restava que trabalhar de sol a sol, por uma ilusão de futuro que Portugal lhes negava. No país ficavam os mais afortunados ou os mais acomodados, alguns porque não queriam sair, outros simplesmente porque não podiam. Um destes exilados involuntários, cantava em França um poema de Rosalia de Castro:

Este parte,
aquele parte
E todos, todos se vão
Galiza ficas sem homens
Que possam cortar teu pão

Tens em troca
órfãos e órfãs
tens campos de solidão

tens mães que não têm filhos
filhos que não têm pai

Coração
que tens e sofres
longas ausências mortais
viúvas de vivos mortos
que ninguém consolará

Este parte,
aquele parte
E todos, todos se vão
Galiza ficas sem homens
Que possam cortar teu pão

Não podemos esquecer também que Abril nos trouxe a paz e, com ela, nos abriu as portas de um mundo que estava de costas voltadas. Lembram-se? Que dizer de uma guerra que nos levava o melhor da juventude? Que dizer de uma guerra onde se morria sem saber porquê, em nome dos desígnios de um império de há muito condenado pela Comunidade Internacional? Que dizer dos milhares de homens que demandavam terras de África, encaixotados aos magotes no Vera Cruz, no Niassa e no Santa Maria, para muitas vezes serem devolvidos em rústicas e anónimas caixas de pinho? E lembram-se do espetáculo tragicómico das mensagens de Natal, com militares quase imberbes de caras espantadas e uma vontade incrível de chorar? E das senhoras do Movimento Nacional Feminino, com os seus aerogramas e festarolas que muito mais tarde o José Barata Moura cantou na perfeição: *Vamos Brincar à Caridadezinha, Festa, canasta e boa Comidinha* ... Para muitos era uma viagem sem retorno, às vezes com direito a uma canção com lágrimas, como esta de Manuel Alegre, cantada pelo Adriano ...

Eu canto para ti um mês de giestas
Um mês de morte e crescimento ó meu amigo
Como um cristal partindo-se plangente
No fundo da memória perturbada

Eu canto para ti um mês onde começa a mágoa
E um coração poisado sobre a tua ausência
Eu canto um mês com lágrimas e sol o grave mês
Em que os mortos amados batem à porta do poema

Porque tu me disseste quem em dera em Lisboa
Quem me dera me Maio depois morreste
Com Lisboa tão longe ó meu irmão tão breve
Que nunca mais acenderás no meu o teu cigarro

Temos sobretudo que lembrar a repressão e, por ela, todos aqueles que pagaram com a vida a sua luta pela liberdade. Com o pintor José Dias Coelho, a morte saiu à rua. Com Catarina Eufémia, a planície alentejana ficou tinta de sangue. Mas as prisões privaram do mundo centenas de grandes homens e mulheres deste país, que souberam dizer não, quando muitos se acomodaram com o sim. Poetas como Sidónio Muralha, José Gomes Ferreira, Eduardo Olímpio, Maria Teresa Horta, Sofia de Mello Breyner Natália Correia. Escritores como Cardoso Pires ou Urbano Tavares Rodrigues. Atores como Rogério Paulo ou Maria Barroso. Compositores como Lopes Graça. Políticos como Álvaro Cunhal, José Manuel Tengarrinha ou Mário Soares. E tantos tantos outros. A repressão nem sequer fazia questão de ocultar os seus braços tentaculares. Os vampiros andavam por aí e Zeca Afonso juntou-os, em 1963, aos meninos do bairro negro:

7

*No céu cinzento
Sob o astro mudo
Batendo as asas
Pela noite calada
Vem em bandos
Com pés veludo
Chupar o sangue
Fresco da manada*

*Se alguém se engana
Com seu ar sisudo
E lhes franqueia
As portas à chegada
Eles comem tudo
Eles comem tudo
Eles comem tudo
E não deixam nada*

Não foram quarenta e oito horas. Não foram quarenta e oito dias. Fomos durante quarenta e oito anos governados contra a vontade de um povo que apenas sabia do mundo o que o regime queria. Educação apenas para alguns, cultura para muito poucos, fado e Fátima com fartura, para acalmar as hostes. Mas as mensagens de liberdade iam passando. E os avisos contra os pequenos deuses caseiros que mantinham aferrolhado todo um povo também. Recordo-vos o protesto de outro lutador pela liberdade, Sidónio Muralha :

Pequenos deuses caseiros
que brincais aos temporais,
passam-se os dias, semanas,
os meses e os anos
e vós jogais, jogais
o jogo dos tiranos.
Pequenos deuses caseiros
cantai cantigas macias
tomai vossa morfina,
perdulai vossos dinheiros
derramai a vossa raiva
gozai vossas tiranias,
pequenos deuses caseiros.

Erguei vossos castelos
elegei vossos senhores
espancai vossos criados,
violai vossas criadas,
e bebei,
o vinho dos traidores
servido em taças roubadas
servido em taças roubadas

Dormi em colchões de pena,
dançai dias inteiros,
comprai os que se vendem,
alteai vossas janelas,
e trancai as vossas portas,
pequenos deuses caseiros,
e reforçai, reforçai as sentinelas.

Talvez este poema fosse um prenúncio para essa alvorada que arrancou Depois do adeus de Paulo de Carvalho e que foi a

madrugada de todas as esperanças. Foi há 38 anos e hoje cumprimos o ritual de uma comemoração, para a qual muitos têm já dificuldade em encontrar o significado. Só se dá real sentido à liberdade quando se conheceu tempos em que se víamos privados dela, em que bufos e pides espreitavam à esquina, à cata de um desabafo, de alguma coisa que prenunciasse desespero ou revolta. O resto era com as prisões deste país. O resto era com as televisões rádios e jornais que apenas conheciam e obedeciam à propaganda do regime. O resto era com um povo que se dizia de brandos costumes.

Vão-me certamente desculpar nesta altura, por vos trazer aqui memórias de um tempo que porventura alguns de vocês conhecerão melhor que eu. Haverá certamente até quem ache despropositado fazê-lo numa altura destas. Trazer aqui histórias com meio século, um país que muitos fizeram por esquecer. Mas acreditem que, enquanto puder, hei-de fazer ouvir este meu grito de protesto, em nome da liberdade que me prometeram. E sobre essa madrugada, continuo a cantar com a Sofia de Mello Breyner:

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo

9

E faz todo o sentido. Faz todo o sentido, particularmente num tempo em que, em nome de uma crise que outros fizeram por alimentar, é o povo que paga a fatia mais grossa da fatura. Paga com os direitos dos trabalhadores, garantidos por contratos feitos à luz de leis que rapidamente passaram à história. Pagam com menos saúde, menos educação, menos justiça, menos segurança, mais impostos. Abril prometeu-nos a paz, o pão, saúde, educação ... E são cada vez mais preocupantes os sinais de fome e cada vez mais as casas devolvidas porque os seus proprietários não conseguem pagar as dívidas ao banco. Faz sentido falar de Abril, porque estamos longe desse futuro de igualdade e democracia que nos prometeram. E que não se pense que isto é um recado político para alguém especial. Não, não é. É um protesto de um cidadão, de um autarca, de um português, contra todos aqueles que se têm servido da democracia em proveito próprio. Sejam eles quem forem, estejam onde estejam. É uma manifestação de desencanto por termos deixado a esperança chegar ao estado a que chegou. É um grito de revolta, por um país que nada tem para oferecer de futuro aos jovens. É um lamento profundo e

sincero pela injustiça e desigualdade que se vai instalando por aí, sempre devidamente justificada por fundamentos politicamente corretos, mas eticamente despropositados. E volto à conhecida canção do Zé Mário Branco:

Quando a nossa festa s'estragou
e o mês de Novembro se vingou
eu olhei p'ra ti
e então entendi
foi um sonho lindo que acabou
houve aqui alguém que se enganou

Mas claro que vou celebrar o vinte e cinco de Abril. Hoje é sempre. Enquanto puder pelo menos. Em nome dos muito democratas de vários pensamentos e cores que, com o seu exemplo, me foram mostrando que a democracia, afinal era uma paleta multicolor, temperada pela tolerância e pela justiça. Cabem nesta evocação autarcas da nossa terra que faço sempre questão de trazer aqui: o Júlio Alberto Correia, o Abel Campos, o Evaristo Cavalheiro, o Luís Leonardo, o Dionísio Costa, o Franco Pinto, o Belmiro Alves, a Rute Gonçalves, o José Assalino, o Ilídio de Abreu. Amigos do peito, democratas genuínos e gente simples, como a Rosa Caneira e o igualmente saudoso Aleixo Brás. E tantos, tantos outros como o Diogo Mamede, a Rosa Varino, o Costa, o Norberto ... Mas saúdo também neste dia todos os autarcas da nossa terra pela afirmação diária que fazem dos ideais de Abril cumprindo o mandato que as populações lhes deram por uma vida melhor. Saúdo também neste dia dois amigos que, através da escrita ou fora dela, são para mim dois exemplos de democratas e que por isso devem ser lembrados. Já trouxe aqui o nome de Mariano Calado. Hoje acrescento o de José Rosa, o escritor Vasco José, que certamente só um motivo de força maior justifica não estar hoje aqui connosco a celebrar Abril, a liberdade e a democracia.

Já vai um tanto longa esta minha intervenção. Mas, acreditem, era muito mais o que gostaria de vos dizer, se não me faltassem as palavras ou se quisesse arriscar a vossa paciência para me aturar. Arrisco, isso sim, que me julguem fora de moda com estes discursos mais longos e pejados de palavras de outros. Mas se com isso vos deixei uma ideia do significado que tem para mim a liberdade, se com isso vos passei a mensagem da importância de Abril, então já valeu a pena, mesmo que a alma por vezes se encolha com as diatribes que têm feito ao nosso sonho de liberdade. E deixo-vos

com um último poema que, como não podia deixar de ser, fala de esperança, de luta e de futuro

Tu que tens dez reis de esperança e de amor
grita bem alto que queres viver.

Compra pão e vinho, mas rouba uma flor.

Tudo o que é belo não é de vender

Não vendem ondas do mar

nem brisa ou estrelas, só a lua cheia

Não vendem moças de amar

nem certas janelas em dunas de areia.

Canta, canta como uma ave ou um rio

Dá o teu braço aos que querem sonhar

Quem trazer mãos livres ou um assobio,

nem é preciso que saiba cantar.

25 de Abril Sempre

Viva Peniche

Viva Portugal

Viva a liberdade